

Marolas de campanha

Muita espuma foi feita na semana passada em torno do que poderia significar o resultado da convenção nacional do PMDB para o processo de sucessão presidencial. Em vez do esperado confronto final entre a ala governista, que defende o apoio à reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso, e a rebelde, partidária da candidatura própria, a decisão acabou representando um anticlímax. O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) decidiu que só valeria a convenção organizada pelo presidente do partido, deputado Paes de Andrade, e os governistas decidiram esvaziá-la.

O encontro teve sabor de pipoca murcha. Sem quórum, o PMDB nem coligou com o PSDB, como sonhavam os governistas, nem lançou candidato próprio, como torciam os rebeldes. Assim, cada grupo enfiou sua viola no saco e o PMDB continua da maneira a qual se acostumou nos últimos anos: fraturado e com seus integrantes definindo suas alianças conforme seus interesses.

Para Fernando Henrique, o movimento político mais interessante no front é a mudança de estratégia adotada pela oposição. Depois de desferir uma saraivada de críticas ao processo de privatização brasileiro, Léonel Brizola — candidato a vice na chapa encabeçada por Luiz Inácio Lula da Silva — diminuiu os ataques.

Há cerca de 15 dias, Brizola prometeu reverter o processo de venda do Sistema Telebrás, que deve ser concluído antes das eleições, e até mesmo tentar rever a venda da Companhia Vale do Rio Doce. No mesmo período, Lula também criticou o processo de privatização. Os governistas aproveitaram a oportunidade para deflagrar uma campanha pregando que Lula e Brizola desejavam o caos para o Brasil.

O resultado desse processo foi aferido nas pesquisas de intenção de voto. Antes das críticas, Lula se aproximara de Fernando Henrique. Depois da “estratégia do caos”, Fernando Henrique, segundo o Ibope, já tem sete pontos percentuais de vantagem. Foi a senha para que Lula e Brizola passassem

a desviar da armadilha.

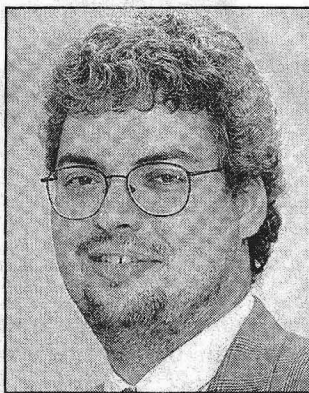
“Ninguém precisa ensinar nada de política para Brizola porque ele é um craque”, diz o senador José Eduardo Dutra (PT-SE), vice-líder do bloco de oposição no Senado. “Ele percebeu que todas as críticas estavam sendo amplificadas pelo governo e usadas contra sua própria candidatura e parou de tocar nessa história”, avalia Dutra. “As pessoas têm medo de Lula”, afirmou o líder do governo no Senado, Elcio Alvares (PFL-ES).

Na verdade, a oposição entrou numa espécie de encruzilhada na campanha. Restam pouco mais de três meses para a eleição e a subida de Lula nas pesquisas parece ter usado como combustível principal os erros cometidos pelo governo. Fernando Henrique não repetiu até agora o erro cometido quando comparou as pessoas que se aposentavam antes dos 50 anos com “vagabundos”.

Além de medir cuidadosamente suas palavras, passou a anunciar programas de impacto, como medidas para habitação e geração de empregos. A próxima, revelada pela repórter Mariângela Herédia, é o aumento da distribuição de cestas básicas no Brasil. O impacto da medida beneficiaria diretamente os municípios afetados pela seca. O número de cestas básicas distribuídas vai praticamente dobrar. “Claro que essas medidas são necessárias, mas em período eleitoral o

governo está distribuindo cesta básica, dando aumento para servidor; até agora, eles não achavam isso importante”, reclama José Eduardo Dutra.

Para voltar a crescer nas pesquisas Lula e Brizola parecem precisar de um fato novo que prove que a chapa de oposição não bateu com a cabeça no teto do porcentual de eleitores que é capaz de atrair. Seria amorismo ignorar que o presidente tem a seu favor o fato de estar à frente do governo — como não confundir as realizações do presidente com as do candidato? Seria também ingenuidade ficar esperando que Fernando Henrique cometa um erro como o do “vagabundos” para poder vencer a corrida eleitoral.



■ Marcelo de Moraes é jornalista

Seria amorismo ignorar que o presidente tem a seu favor o fato de estar à frente do governo